

# Economia quase pára à espera de definição do Governo

Os bancos reduziram a captação de recursos junto ao público; os empresários atrasaram seus planos de investimento; os investidores só fazem operações a curto prazo; os executivos das indústrias de base não têm há 40 dias interlocutores na área federal; órgãos governamentais como a Finame não liberam recursos há um mês; e os recursos provenientes do exterior foram suspensos porque o Brasil não cumpriu as metas acordadas com o FMI e não reiniciou as negociações.

Este é o quadro da economia brasileira com a doença e morte do ex-Presidente Tancredo Neves. A indefinição dos novos rumos da política econômica e até quanto ao preenchimento de 3.000 cargos do segundo escalão do Governo federal estão paralisando a economia. Mas apesar desta situação, as perspectivas continuam relativamente otimistas. A maior parte dos empresários acha que o Presidente José Sarney conseguirá apoio para levar adiante uma política de recuperação do País.

## Indefinição

Segundo um empresário do setor de bens de capital, que não quis se identificar, a indústria de base está sendo brutalmente atingida pois todas as operações da Finame foram suspensas. E o reflexo de tudo isto — acrescentou — já pode ser visto no índice de emprego, que vinha se mantendo positivo há um ano, mas caiu em março e abril.

Esta mesma fonte diz que as empresas estatais suspenderam até contratos que estavam por sair. Este seria o caso da Portobrás, que teve

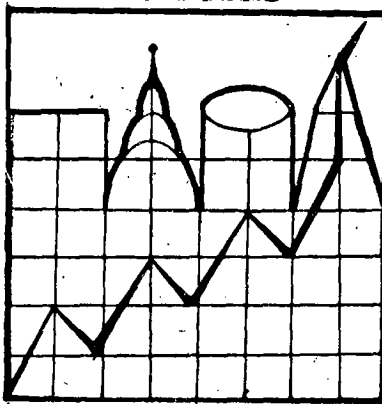
vários contratos para aquisição de equipamentos suspensos. “E os dirigentes das estatais que estão aguardando seus substitutos — disse ainda o empresário — não sabem de nada”.

Falando em nome dos produtores de carvão de Santa Catarina, Alvaro Catão, um dos mais importantes empresários do setor, disse também que decisões fundamentais para o setor não estão sendo tomadas. Segundo ele, no final do Governo passado o Conselho Nacional do Petróleo determinou à Companhia Auxiliar das Empresas de Energia do Brasil (Caebr) a suspensão das compras de carvão energético de Santa Catarina para as empresas controladas pela Siderbrás. Estas firmas — contou Catão — resolveram então que não iriam mais pagar integralmente as faturas. E desde fevereiro o pagamento não está sendo feito. O caso já foi levado ao novo Ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, mas nada foi resolvido.

No setor de telecomunicações, o presidente da Microlab, Antônio Didier Viana, disse que um aspecto se destaca: a falta de diretrizes governamentais. Acrescentou que já esteve com os ministros da Marinha, Ciência e Tecnologia e o das Minas e Energia e todos disseram que ainda estavam avaliando a situação de suas áreas para, posteriormente, estabelecer um plano geral de trabalho.

Especificamente na área do comércio de equipamentos de informática — principalmente na de microcomputação — a paralisação do Governo está provocando vários pro-

## EMPRESAS



blemas de recebimento e muitos cancelamentos de pedidos por empresas que dependem de contratos com as estatais. Esta a opinião de Ronaldo Levis, diretor da Compumicro Informática Empresarial.

— As estatais alegam — diz Levis — que não têm ninguém para autorizar os pagamentos, pois isto é de responsabilidade do segundo e terceiro escalão. Além disto, as concorrências das estatais também foram paralisadas.

## Pequenos

No Rio, o vice-presidente do Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Cebrae), Alberico Spinola Barbosa, também garante que os pequenos foram afetados e que se até o fim da próxima semana não for definida a nova direção da entidade, permitindo a “alavancagem do processo”, os esforços em favor de milhares de micro, pe-

quenas e médias empresas estarão comprometidos.

— Não se pode esconder a verdade de que os modestos empresários do país estão na expectativa de uma dinamização do Cebrae, cujos dirigentes não aprofundam as suas decisões diante da incerteza de continuarem nos cargos — explicou o vice-presidente, acrescentando que os recursos para o órgão estão sendo liberados em doses homeopáticas, o que dificulta ainda mais o trabalho programado.

## Bancos

A contenção dos investimentos, medida de cautela adotada quando começaram os problemas de saúde de Tancredo Neves, ainda permanecem, segundo o vice-presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Theóphilo de Azeredo Santos. Os bancos, por sua vez, reduziram a captação de recursos junto ao público, esperando uma definição do Conselho Monetário Nacional quanto à redução dos prazos de emissão de certificados de depósitos a prazo.

Até que haja uma orientação da política econômica a ser seguida pelo Governo José Sarney, assim como a divulgação das medidas do Conselho Monetário Nacional (entre elas a redução de 180 para 90 dias o prazo dos CDB), Theóphilo Azeredo Santos acredita que o investidor não fará nenhuma aplicação a não ser no overnight (financiamento por um dia de títulos públicos ou privados).

Esta também é a opinião do chefe da assessoria econômica do Banco Boavista, José Alfredo Lamy.

Segundo ele, a incerteza quanto ao quadro econômico do país está levando os investidores a só fazerem operações a curto prazo. “Há uma tendência geral pela procura de títulos de prazo mais curto”, disse.

— O Banco Central — acrescentou — criou uma fórmula para o cálculo da correção monetária. Mas isto não solucionou o impasse: há uma fórmula, mas persistem as dúvidas quanto a política econômica a ser adotada. Prevalecerá a orientação do Ministério da Fazenda ou do Planejamento? Onde vai ser cortado para se diminuir o déficit público? No subsídio ao trigo ou em outro ponto?

Jorge Salgado, diretor da Corretora Ativa, também destaca a paralisação da economia: em março as vendas caíram drasticamente em todos os setores. As de automóvel — afirma — tiveram uma queda de 40%. No seu entender, os empresários só voltam a realizar novos investimentos depois que o quadro político e econômico do país ficar mais claro.

Mas, apesar de todas as descrições pessimistas sobre o comportamento da economia, todos oferecem um crédito de confiança ao Governo Sarney. Nuni Kaufman, empresário do setor de tintas e resinas e vice-presidente do Centro Industrial do Rio de Janeiro (Cirj), é um bom exemplo. Segundo ele, o setor de produção de química fina está completamente paralisado à espera de definições governamentais. E este setor — destaca — representa um movimento anual de 4 bilhões de dólares no Brasil.